

UM ASSASSINATO NOS JARDINS DE MONET  
UMA OBRA-PRIMA DESAPARECIDA  
SÓ TRÊS MULHERES SABEM O QUE ACONTECEU...

**MICHEL BUSSI**

3,5 milhões de livros vendidos



**NINFEIAS  
NEGRAS**





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

À memória de Jacky Lucas

“Com Monet não vemos o mundo real,  
mas sim apreendemos suas aparências.”

F. Robert-Kempf, *L'Aurore*, 1908

“Não! Não! Nada de preto para Monet, ora!  
Preto não é cor!”

Georges Clemenceau, junto ao caixão de  
Claude Monet (Michel de Decker, *Claude Monet*, 2009)

Nas páginas a seguir, as descrições de Giverny tentam manter a maior precisão possível. Os lugares existem, quer se trate do Hotel Baudy, do córrego Ru, braço do rio Epte, do moinho de Chennevières, da escola primária de Giverny, da igreja de Sainte-Radegonde e seu cemitério, da Rue Claude-Monet, do Chemin du Roy, da ilha das Urtigas e, naturalmente, da casa rosa de Monet e seu laguinho de ninfeias. O mesmo vale para lugares vizinhos, como o Museu de Vernon, o Museu de Belas-Artes de Rouen e o povoado de Cocherel.

As informações sobre Claude Monet são autênticas, quer digam respeito a sua vida, sua obra ou seus herdeiros. O mesmo vale para as que evocam outros pintores impressionistas, em especial Theodore Robinson e Eugène Murer.

Os roubos de obras de arte mencionados são ocorrências reais.  
Todo o restante eu inventei.

Num vilarejo, viviam três mulheres.

A primeira era má; a segunda, mentirosa; a terceira, egoísta.

O vilarejo tinha um belo nome de jardim. Giverny.

A primeira morava num grande moinho à beira de um regato, na estrada chamada Chemin du Roy, o “caminho do rei”; a segunda ocupava um apartamento sobre a escola primária, na Rue Blanche-Hoschedé-Monet; a terceira vivia com a mãe numa casinha de paredes descascadas, na Rue du Château-d’Eau.

As três tampouco tinham a mesma idade. De modo algum. A primeira tinha mais de 80 anos e era viúva. Ou quase. A segunda tinha 36 e nunca havia traído o marido. Ainda. A terceira estava prestes a completar 11 anos e todos os meninos de sua escola queriam ser seu namorado. A primeira só usava preto, a segunda se maquiava para o amante, a terceira enfeitava os cabelos para que voassem ao vento.

Vocês já entenderam. As três eram bem diferentes. Tinham, porém, um ponto em comum, um segredo, de certa forma: todas elas sonhavam em ir embora. Sim, ir embora de Giverny, esse vilarejo tão famoso que provoca em tantas pessoas a vontade de atravessar o mundo inteiro só para ali passear por algumas horas.

Vocês bem sabem por quê. Por causa dos pintores impressionistas.

A primeira, a mais velha, era dona de um belo quadro, a segunda se interessava muito por artistas, e a terceira, a mais jovencinha, pintava bem. Muito bem, aliás.

Estranho querer ir embora de Giverny, vocês não acham? Todas as três consideravam o vilarejo uma prisão, um grande e belo jardim, mas cercado por grades. Como a área externa de um asilo. Uma ilusão de ótica. Um quadro no qual seria impossível ultrapassar os limites da moldura. A bem da verdade, a terceira, a mais jovem, procurava um pai. Em outro lugar. A segunda buscava o amor. A primeira, a mais velha, sabia coisas sobre as outras duas.

\* \* \*

Uma vez, no entanto, por treze dias apenas, as grades do jardim se abriram. Muito precisamente, de 13 a 25 de maio de 2010. As grades de Giverny se abriram para elas! Para elas apenas, como acreditavam. Mas a regra era cruel: somente uma poderia escapar. As outras duas precisavam morrer. Era assim que tinha de ser.

Esses treze dias transcorreram em suas vidas qual um parêntese. Muito breve. E também impiedoso. Esse parêntese começou com um assassinato, no primeiro dia, e terminou com outro, no último. Estranhamente, os policiais só se interessaram pela segunda mulher, a mais bela; a terceira, a mais inocente, teve de investigar sozinha. A primeira, a mais discreta, pôde observar todo mundo com tranquilidade. E até matar!

Isso durou treze dias. O tempo de uma fuga.

Três mulheres vivendo num vilarejo.

A terceira era a mais talentosa; a segunda, a mais esperta; a primeira, a mais determinada.

*Na sua opinião, qual delas conseguiu escapar?*

A terceira, a mais novinha, chamava-se Fanette Morelle; a segunda era Stéphanie Dupain; a primeira, a mais velha, era eu.

**QUADRO UM**  
Impressões

## PRIMEIRO DIA

13 de maio de 2010, Giverny

### Tropel

#### 1

A ÁGUA CLARA DO rio se tinge de rosa em pequenos filetes, como a efêmera cor pastel de um jato d'água no qual se limpa um pincel.

– Netuno, não!

Ao longo da correnteza, a cor vai se diluindo, se agarrando ao verde das plantas que pendem das margens, ao ocre das raízes dos choupos, dos chorões. Um sutil dégradé lavado.

Gosto bastante.

Só que o vermelho não provém de uma paleta que um pintor houvesse lavado no rio, mas sim do crânio esmagado de Jérôme Morval. Gravemente esmagado, aliás. O sangue escorre de um talho profundo no alto da cabeça, nítido e limpo, lavado pelo Ru, onde a cabeça se encontra mergulhada.

Meu pastor-alemão se aproxima, fareja. Torno a gritar, dessa vez com mais ênfase:

– Netuno, não! Para trás!

Imagino que não vão demorar a encontrar o cadáver. Mesmo sendo apenas seis da manhã, alguém com certeza vai passar por aqui; um pintor, alguém praticando corrida, um catador de escargots... um passante que vai dar de cara com o corpo.

Tomo cuidado para não avançar mais. Apoio-me na bengala. A terra à minha frente está enlameada; choveu muito nos últimos dias, as margens do curso d'água estão instáveis. Aos 84 anos, não tenho mais idade para bancar a náiade, ainda que seja em um regato de nada, com menos de 1 metro de largura, do qual metade do volume d'água é desviado para alimentar o lago dos jardins de Monet. Aliás, parece que não é mais o caso, que hoje existe uma fonte subterrânea para abastecer o lagunho de ninfeias.

– Vamos, Netuno. Em frente.

Ergo a bengala na direção do cão como que para impedi-lo de encostar o

nariz no buraco escancarado do paletó cinza de Jérôme Morval. A segunda ferida. Em cheio no coração.

– Saia daí! Não vamos ficar aqui.

Olho pela última vez o lavadouro logo em frente e continuo a seguir o caminho. Não resta dúvida de que ele está conservado com perfeição. As árvores mais invasivas foram serradas na base. As margens estão livres de ervas. É preciso dizer que alguns milhares de turistas frequentam diariamente esse caminho. Dá para passar um carrinho de bebê, uma cadeira de rodas, uma velha de bengala. Eu!

– Vamos, Netuno, venha.

Viro um pouco mais adiante, no ponto em que o Ru se divide em dois braços fechados por uma barragem e por uma cascata. Do outro lado é possível antever os jardins de Monet, as ninfeias, a ponte japonesa, as estufas... Estranho: nasci aqui em 1926, ano em que Claude Monet faleceu. Por anos depois de sua morte, quase cinquenta, os jardins ficaram fechados, esquecidos, abandonados. Hoje a situação mudou e, todo ano, dezenas de milhares de japoneses, americanos, russos e australianos atravessam o planeta só para flunar por Giverny. Os jardins de Monet viraram um templo sagrado, uma Meca, uma catedral... Aliás, esses milhares de peregrinos não vão demorar a aparecer.

Consulto o relógio de pulso: 6h02. Algumas horas de tranquilidade ainda.

Prossigo.

Entre os choupos e as *Petasites* imensas, a estátua de Claude Monet me encara com um olhar perverso de vizinho zangado, o queixo devorado pela barba, o crânio oculto por um chapéu que lembra vagamente um chapéu de palha. O pedestal de marfim informa que o busto foi inaugurado em 2007. A placa de madeira fincada ao lado informa que o mestre está observando “a pradaria”. A sua pradaria! Os campos, do Ru até o rio Epte, do Epte até o Sena, as fileiras de choupos, os aclives arborizados a ondular feito um mar manso. Os lugares mágicos que ele pintou. Invioláveis. Envernizados, expostos por toda a eternidade!

É verdade: às seis da manhã, o lugar ainda permite uma ilusão. Observo à minha frente um horizonte virgem de trigais, milharais e campos de papoulas. Mas não vou mentir para vocês. Na realidade, durante quase todo o dia, a pradaria de Monet é um estacionamento. Quatro estacionamentos,

para ser mais exata, que se espalham ao redor de uma faixa de calçamento como um nenúfar de asfalto. Na minha idade, posso me permitir dizer isso. Já vi a paisagem se transformar muito, ano após ano. A zona rural de Monet é hoje um cenário de hipermercado!

Netuno me segue por alguns metros, então começa a correr. Corre na minha frente, atravessa o estacionamento, faz xixi num cavalete de madeira, continua pela campina em direção à confluência do Epte com o Sena, esse pedaço de campina imprensado entre dois rios e curiosamente batizado de ilha das Urtigas.

Dou um suspiro e prossigo pelo caminho. Na minha idade, não vou correr atrás do cão. Observo-o afastar-se e voltar depressa, como se quisesse zombar de mim. Hesito em chamar seu nome. Está cedo. Ele torna a sumir no meio do trigo. Netuno agora vive fazendo isso. Vive correndo 100 metros na minha frente! Todos os moradores de Giverny conhecem esse cachorro, mas poucos, acredito eu, sabem que ele é meu.

Margeio o estacionamento e sigo na direção do moinho de Chennevières. É lá que eu moro. Prefiro entrar antes da multidão. O moinho de Chennevières é de longe a mais bela construção próxima aos jardins de Monet, a única erguida às margens do Ru, mas, desde que a pradaria foi transformada em campo de chapas metálicas e pneus, lá me sinto como uma espécie enjaulada e em vias de extinção que os curiosos vêm observar, espionar, fotografar. Só existem quatro pontes sobre o Ru ligando o estacionamento ao vilarejo; uma delas atravessa o regato bem em frente à minha casa. Fico praticamente sitiada até as seis da tarde. Depois disso, o vilarejo torna a se apagar, a pradaria é devolvida aos choupos e Claude Monet pode reabrir os olhos de bronze sem ficar tossindo por causa do cheiro de gás carbônico dos escapamentos.

Na minha frente, o vento agita uma floresta de pendões verde-água salpicada pelo vermelho das papoulas esparsas. Se alguém contemplasse a cena do outro lado do Epte, com certeza ela evocaria um quadro impressionista. A harmonia das cores alaranjadas sob o sol nascente com apenas um leve toque de luto ao fundo, um pontinho preto diminuto.

Uma velha de roupas escuras. Eu!

A nota sutil de melancolia.

Torno a gritar:

– Netuno!

Demoro-me ali saboreando a calma efêmera, não sei quanto tempo, vários minutos no mínimo, até que chega um corredor. Ele passa por mim com o MP3 enfiado nos ouvidos. Camiseta de malha. Tênis. Surgiu na pradaria feito um anacronismo. É o primeiro do dia a estragar o quadro; os outros ainda estão por chegar. Faço-lhe um leve movimento de cabeça, ele me retribui e se afasta em meio a um chiado de cigarras eletrônicas que sai de seus fones de ouvido. Vejo-o virar na direção do busto de Monet, da pequena cascata, da barreira. Imagino-o a voltar margeando o regato, tomando cuidado ele também para evitar a lama à beira do caminho.

Sento-me em um banco.guardo a continuação. Inelutável.

Ainda não há nenhum ônibus no estacionamento da pradaria quando a van da polícia para atabalhoadamente no acostamento do Chemin du Roy, entre o lavadouro e o meu moinho. A vinte passos do corpo afogado de Jérôme Morval.

Levanto-me.

Hesito em chamar Netuno mais uma vez. Suspiro. Afinal de contas, ele conhece o caminho. O moinho de Chennevières fica logo ao lado. Lanço um último olhar na direção dos policiais que descem da van e me afasto. Volto para casa. Da torre do moinho, no quarto andar, por trás da janela, pode-se observar bem melhor tudo o que acontece em volta.

E de maneira bem mais discreta.

## 2

O INSPETOR LAURENÇ SÉRÉNAC começou por delimitar um perímetro de alguns metros em volta do cadáver, prendendo uma larga fita de plástico cor de laranja nos galhos das árvores sobre o regato.

A cena do crime permite prever uma investigação complicada. Sérénac se tranquiliza, pensando que teve o reflexo certo quando o telefone da delegacia de Vernon tocou: vir acompanhado por três outros colegas. No presente momento, a principal missão do primeiro, o agente Louvel, é manter afastados os curiosos que começam a se aglomerar ao longo do regato. Chega a ser inacreditável. A van da polícia atravessou um vilarejo deserto e,

em poucos minutos, é como se todos os moradores estivessem convergindo para o local do assassinato. Pois é disso que se trata: um assassinato. Não é preciso ter feito três anos de academia de polícia em Toulouse para confirmar. Sérénac observa outra vez a ferida aberta no coração, o alto do crânio rachado e a cabeça mergulhada na água. O agente Maury, ao que parece, o melhor especialista em criminalística da delegacia de Vernon, está ocupado identificando com cuidado os vestígios de passos na terra, bem em frente ao cadáver, e tirando o molde das impressões digitais com um gesso de secagem rápida. Foi Sérénac quem lhe deu a ordem de imortalizar o solo lamacento antes mesmo de avançar para examinar o corpo. O sujeito está morto; não vai se salvar nem ressuscitar. De forma alguma se deve pisotear a cena do crime antes de ter registrado tudo em fotos e posto em sacos plásticos.

O inspetor Sylvio Bénavides aparece na ponte. Recupera o fôlego. Alguns moradores de Giverny se afastam para deixá-lo passar. Sérénac lhe pediu para correr até o vilarejo logo ali adiante com uma foto da vítima na mão, de modo a colher as primeiras informações, quem sabe até identificar o homem assassinado. Não faz muito tempo que o inspetor Sérénac trabalha em Vernon, mas entendeu rapidamente que Sylvio Bénavides é muito bom em obedecer a ordens, o que faz com zelo; em organizar as coisas; e em arquivar com minúcia. De certa forma, o assistente ideal. Bénavides talvez padeça de uma leve falta de iniciativa... Mesmo assim, Sérénac tem a intuição de que se trata mais de excesso de timidez do que de falta de competência. Um sujeito dedicado! Enfim, dedicado... dedicado ao seu trabalho de policial. Pois, na realidade, Bénavides deve considerar seu superior hierárquico recém-saído da academia de polícia de Toulouse uma espécie de objeto policial não identificado. Apesar de Sérénac ter sido alçado a chefe da delegacia de Vernon quatro meses antes, sem ter sequer a patente de delegado, é possível levar a sério ao norte do Sena um policial que ainda não completou 30 anos, que se dirige aos bandidos com um sotaque provençal, como se fossem colegas, e que já supervisiona cenas de crime com um cinismo desiludido?

Sérénac acha que talvez não. As pessoas ali são tão estressadas... e não só na polícia. Por toda parte! É pior ainda ali em Vernon, aquele subúrbio parisiense distante disfarçado de Normandia. Ele conhece o mapa de sua

circunscrição: a fronteira com a Île-de-France passa por Giverny, a poucas centenas de metros dali, do outro lado do curso principal do rio. Mas o povo ali é normando, não parisiense. E não abre mão disso. Uma espécie de esnobismo. Um cara lhe disse seriamente que, ao longo da história, a fronteira entre a França e o reino anglo-normando marcada pelo Epte, aquele pequeno regato ridículo, já matou mais gente do que o Meuse ou o Reno.

Que idiotas!

– Inspetor...

– Me chame de Laurenç, porra... Já falei.

Sylvio Bénavides hesita. O inspetor Sérénac disse isso na frente dos agentes Louvel e Maury, de uns quinze curiosos e do cadáver mergulhado no próprio sangue. Como se fosse hora de discutir formas de tratamento.

– Ahn. Certo. Bom, chefe... acho que vai ser preciso muito tato. Não tive dificuldade para identificar a vítima. Pelo visto, é um cara importante. Todo mundo o conhece por aqui. Jérôme Morval. Um cirurgião oftalmologista famoso. Tem consultório na Avenue Prudhon, em Paris, no *arrondissement* XVI. Mora em uma das casas mais bonitas do vilarejo, no número 71 da Rue Claude-Monet.

– Morava – corrige Sérénac.

Sylvio não reage. Tem a cara de quem acabou de ser convocado para lutar na frente russa. De um funcionário público lotado na região mais remota do país. De um policial enviado para trabalhar na Normandia. A imagem faz Sérénac sorrir. Quem deveria estar de cara feia é ele, não seu assistente.

– OK, Sylvio – diz ele. – Bom trabalho. Por enquanto não é preciso se preocupar. Mais tarde vamos examinar os detalhes do currículo.

Sérénac solta a fita laranja.

– Ludo, as impressões estão prontas? Podemos chegar perto sem colocar os protetores de sapato?

Ludovic Maury confirma. O agente se afasta levando vários moldes de gesso, enquanto o inspetor crava os pés na lama da margem do regato. Segura-se com uma das mãos no galho de freixo mais próximo e, com a outra, aponta para o corpo inerte.

– Chegue mais perto, Sylvio. Olhe. Não acha curioso o *modus operandi* deste crime?

Bénavides se adianta. Louvel e Maury também se viram, como se estivessem assistindo à prova de admissão de seu superior hierárquico.

– Rapazes, observem o ferimento que atravessa o paletó. Morval visivelmente foi morto com uma arma branca. Uma faca, algo assim. Em pleno coração. Sangue seco. Mesmo sem o parecer dos legistas, dá para lançar a hipótese de que a causa da morte é essa. Quando examinamos os vestígios na lama, porém, percebemos que o corpo foi arrastado por alguns metros até a beira do regato. Por que fazer isso? Por que mudar um cadáver de lugar? O assassino então pegou uma pedra, ou algum outro objeto pesado de tamanho semelhante, e se deu ao trabalho de esmagar o alto do crânio e a têmpora. Mais uma vez, por quê?

Louvel levanta a mão, quase timidamente.

– Morval talvez ainda não estivesse morto?

– Bem... – diz Sérénac com voz melodiosa. – Pelo tamanho da ferida no coração, não acredito muito nisso. E, se ele ainda estivesse vivo, por que não dar uma segunda facada ali mesmo? Por que arrastar a vítima para depois esmagar o crânio?

Sylvio Bénavides não diz nada. Ludovic Maury observa o local. Na margem do regato, uma pedra do tamanho de uma bola de futebol está coberta de sangue. Ele já coletou na sua superfície todas as amostras possíveis. Tenta dar uma resposta:

– Porque havia uma pedra por perto. Ele pegou a arma que estava ao seu alcance.

Os olhos de Sérénac brilham.

– Não concordo com você, Ludo. Olhem bem para esta cena, rapazes. Tem uma coisa ainda mais estranha. Olhem para o regato, numa extensão de uns 20 metros. O que estão vendo?

O inspetor Bénavides e os dois agentes acompanham as margens com os olhos, sem entender aonde Sérénac quer chegar.

– Não há nenhuma outra pedra! – exclama o chefe da delegacia, triunfal.  
– Não existe pedra nenhuma em toda a extensão do rio. E, se observarmos esta aqui um pouco de perto, não resta dúvida de que também foi transportada. Não tem terra seca grudada, a grama amassada debaixo dela está fresca... Então o que esta pedra providencial está fazendo aqui? O assassino a trouxe também, é óbvio.

O agente Louvel tenta fazer os moradores de Giverny recuarem até a margem direita do regato, em frente à ponte, no lado do vilarejo. O público não parece incomodar Sérénac. O inspetor continua:

– Rapazes, para resumir, estamos diante da seguinte situação: Jérôme Morval é esfaqueado aqui no caminho, um golpe provavelmente mortal. Em seguida, o assassino o arrasta até o rio. A 6 metros de distância. Depois disso, como se trata de um perfeccionista, vai buscar uma pedra por perto, um troço que deve pesar quase 20 quilos, e volta para esmagar a cabeça de Morval. E ainda não acabou... Observem a posição do corpo no regato: a cabeça está quase totalmente submersa. Esta posição lhes parece natural?

– O senhor acaba de dizer, chefe – responde Maury, quase irritado. – O assassino acerta Morval com a pedra, na beira da água. Depois a vítima escorrega para dentro do regato.

– Que coincidência – ironiza o inspetor Sérénac. – Uma pedrada e a cabeça de Morval vai parar debaixo d’água... Não, gente, estou disposto a apostar com vocês. Peguem a pedra e esmaguem o cérebro de Morval. Ali, na margem do regato. Nem por um decreto a cabeça do cadáver vai parar debaixo d’água, impecavelmente submersa a 10 centímetros de profundidade. Senhores, acho que a solução é bem mais simples. Estamos, por assim dizer, diante de um triplo assassinato na mesma pessoa. Primeiro eu o mato. Depois esmago sua cabeça. Por fim, o afogo.

Um esgar surge em seus lábios.

– Estamos diante de alguém motivado. Obstinado. Alguém muito, muito bravo com Jérôme Morval.

Laurenç Sérénac se vira sorrindo para Sylvio Bénavides.

– Querer matá-lo três vezes não é muito legal em relação ao nosso oftalmologista, mas pelo menos é melhor do que matar três pessoas diferentes, não?

Ele pisca para um inspetor Bénavides cada vez mais incomodado.

– Não gostaria de semear o pânico no vilarejo, mas nada nesta cena de crime me parece se dever ao acaso – continua. – Não sei por quê, é quase como se isto aqui fosse uma composição, um quadro montado. Como se cada detalhe houvesse sido planejado. Este lugar específico, Giverny. A sequência dos acontecimentos. A faca, a pedra, o afogamento...

– Uma vingança? – sugere Bénavides. – Uma espécie de ritual? É isso que o senhor acha?

– Não sei – responde Sérénac. – Veremos. Por enquanto não parece fazer o menor sentido, mas com certeza faz para o assassino.

Louvel afasta os curiosos na ponte sem muita energia. Sylvio Bénavides

se mantém calado, concentrado, como se tentasse discernir, na enxurrada de palavras de Sérénac, entre o bom senso e a provocação.

De repente, uma sombra escura surge do pequeno bosque de choupos da pradaria, passa debaixo da fita laranja e pisoteia a lama das margens. O agente Maury tenta contê-la, sem sucesso.

Um pastor-alemão!

Animado, o cachorro se esfrega na calça jeans de Sérénac.

– Vejam só – diz o inspetor. – Nossa primeira testemunha espontânea.

Ele se vira para os moradores de Giverny na ponte.

– Alguém conhece este cachorro?

– Sim – responde, sem hesitação, um sujeito de certa idade vestido de pintor, com calça de veludo e paletó de tweed. – É Netuno. O cachorro de Giverny. Todo mundo aqui cruza com ele. Persegue as crianças do vilarejo. Os turistas. Faz parte da paisagem, por assim dizer.

– Venha cá, grandão – diz Sérénac, agachando-se para ficar da mesma altura do cão. – Quer dizer que é a nossa primeira testemunha? Me diga uma coisa: você viu o assassino? Sabe quem é? Depois quero seu depoimento. Agora ainda temos um pouco de trabalho aqui.

O inspetor parte um galho de chorão e o atira alguns metros mais adiante. Netuno reage. Vai buscar o galho, volta. Sylvio Bénavides observa com espanto a brincadeira do superior.

Por fim, Sérénac se levanta. Demora-se algum tempo examinando o entorno: o lavadouro de tijolo de adobe bem em frente ao regato, a ponte e, logo atrás, aquela estranha e extravagante construção de enxaimel, dominada por uma espécie de torre de quatro andares, cujo nome se pode ler gravado na parede: MOINHO DE CHENNEVIÈRES. Não podemos ignorar nada, anota num canto da mente, precisamos falar com todas as testemunhas em potencial, mesmo que o assassinato tenha sido cometido por volta das seis da manhã.

– Michel, mande o público se afastar. Ludo, me passe as luvas. Vamos ver o que o nosso oftalmologista tem no bolso, ainda que tenhamos de molhar os pés para não mudar o corpo de lugar.

Sérénac tira os tênis e as meias, arregaça o jeans até o meio das canelas, calça as luvas estendidas pelo agente Maury e entra descalço no regato.

Com a mão esquerda, mantém o equilíbrio do corpo de Morval, enquanto a outra vasculha seu paletó. Pega uma carteira de couro, que estende para Bénavides. Seu assistente abre e confere os documentos de identidade.

Não resta dúvida, é de fato Jérôme Morval.

A mão continua a explorar os bolsos do cadáver. Lenços de papel. Chaves de carro. Tudo vai passando de mão enluvada em mão enluvada até parar dentro de sacos transparentes.

– Cacete. Mas que porra...

Os dedos de Sérénac extraem do bolso exterior do paletó do cadáver uma cartolina amassada. O inspetor baixa os olhos. Trata-se de um simples cartão-postal. A imagem é um *Ninfeias* de Monet, um estudo em azul, uma daquelas reproduções vendidas aos milhões mundo afora. Sérénac vira o postal.

O texto é curto, escrito em letras datilografadas. ONZE ANOS. FELIZ ANIVERSÁRIO.

Logo abaixo dessas quatro palavras, há uma fina faixa de papel que foi cortada e depois colada no postal. Dessa vez são nove palavras: *O crime de sonhar eu consinto que seja instaurado.*

Porra...

Como duas algemas de aço, a água do regato congela de repente os tornozelos do inspetor. Sérénac grita para os curiosos parados ali em frente, aglomerados em volta do lavadouro como se esperassem o ônibus:

– Morval tinha filhos? Um filho de 11 anos, digamos?

O pintor vestido de veludo e tweed é novamente o mais rápido na resposta:

– Não, senhor delegado. Com certeza não!

Porra...

O cartão de aniversário é transferido para as mãos do inspetor Bénavides. Sérénac ergue a cabeça, observa. O lavadouro. A ponte. O moinho. O vilarejo de Giverny que vai despertando. Os jardins de Monet, um pouco mais adiante. A pradaria e os choupos.

As nuvens que se prendem às colinas arborizadas.

Aquelas nove palavras que se prendem ao seu pensamento.

*O crime de sonhar eu consinto que seja instaurado.*

De repente, ele tem certeza de que alguma coisa não está no devido lugar naquela paisagem de cartão-postal impressionista.

### 3

DE CIMA DA TORRE do moinho de Chennevières, observo a polícia. O de calça jeans, o chefe, ainda está dentro d'água; os outros três estão na margem, rodeados por aquela multidão idiota, umas trinta pessoas agora, que não perdem nada da cena, como no teatro, num teatro de rua. Num teatro de rio, aliás, para ser mais precisa.

Sorrio para mim mesma. Que idiotice fazer jogos de palavras sem ninguém para testemunhá-los, não acham? E por acaso sou menos idiota do que aqueles curiosos pelo fato de estar na sacada? É o melhor lugar de todos, acreditem. Ver sem ser vista.

Hesito. Rio também porque hesito. Um riso nervoso.

O que devo fazer?

Os policiais estão tirando um grande saco plástico da van branca, sem dúvida para colocar o cadáver. A pergunta continua a martelar em minha cabeça. O que devo fazer? Devo ir à polícia? Contar tudo o que sei aos policiais da delegacia de Vernon?

Será que vão acreditar nos delírios de uma velha louca? A melhor solução não seria me calar e esperar? Esperar alguns dias, só alguns dias. Observar, como se fosse um ratinho, para ver como os acontecimentos evoluem. Além disso, também vou ter de falar com Patricia, a viúva de Jérôme Morval; sim, isso devo fazer, claro.

Mas quanto a falar com a polícia...

Lá embaixo, perto do regato, os três agentes se abaixaram e estão arrastando o cadáver de Jérôme Morval até o saco, como se fosse um grande naco de carne descongelada do qual escorrem água e sangue. Estão penando, coitados. A impressão que tenho é de que são pescadores inexperientes que acabam de pegar um peixe grande demais. O quarto policial, ainda dentro d'água, os observa. De onde estou, é quase como se estivesse rindo. É, pelo que posso ver, está no mínimo sorrindo.

No fim das contas, talvez eu esteja me torturando a troco de nada: se for falar com Patricia Morval, todo mundo corre o risco de ficar sabendo, isso é certo. Principalmente a polícia. A viúva é uma fofoqueira... Já eu ainda não sou viúva, não de todo.

Fecho os olhos, talvez por um minuto. Quase isso.

Tomei minha decisão.

Não, não vou falar com a polícia! Vou me transformar num ratinho preto, invisível. Pelo menos por uns dias. Afinal de contas, se a polícia quiser me encontrar, na minha idade, isso é possível, não corro muito depressa. É só seguir Netuno... Abro os olhos e fito meu cachorro. Deitado a algumas dezenas de metros dos policiais, no meio das samambaias, ele também não perde nada da cena do crime.

Sim, está decidido: vou esperar uns dias, pelo menos o tempo de ficar viúva. É essa a regra, não? Um mínimo de decência. Depois disso, sempre vai haver tempo para improvisar, para agir no momento certo. De acordo com as circunstâncias. Li faz tempo um romance policial totalmente inacreditável. A trama era ambientada numa chácara inglesa, algo assim. Toda a intriga era explicada pelos olhos de um gato. Sim, isso mesmo, de um gato! O gato era testemunha de tudo, e é claro que ninguém lhe dava a menor atenção. À sua maneira, era ele quem conduzia a investigação! Escutava, observava, examinava. O romance era inclusive suficientemente bem construído para se poder pensar que, no fim das contas, o assassino era o gato. Bem, não vou estragar seu prazer contando o final, vocês vão ler o livro se tiverem oportunidade. Era só para explicar o que pretendo fazer: me transformar numa testemunha tão acima de qualquer suspeita desse caso quanto o gato da chácara inglesa.

Torno a virar a cabeça na direção do rio.

O cadáver de Morval quase desapareceu, engolido pelo saco plástico, que mais parece uma anaconda que acabou de se alimentar. Apenas um pedaço da cabeça ultrapassa agora os dois maxilares dentados de um zíper ainda um pouco aberto. Os três policiais na margem parecem ofegar. Do alto, é como se estivessem esperando apenas um gesto do chefe para sacar um cigarro.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)